

O DESEJO DO ANALISTA E O CORTE DA SESSÃO NA CLÍNICA LACANIANA

Najla Gergi Krouchane¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar a técnica psicanalítica com base Lacaniana a partir de uma revisão narrativa e conceitual. A psicanálise foi criada por Sigmund Freud, que estabeleceu o método da associação livre para acesso aos conteúdos inconscientes, conceituando ainda as regras da abstinência, atenção flutuante, neutralidade e amor à verdade. Lacan, baseado em Freud, também utiliza como método a associação livre. Tendo como referência suas experiências clínicas, retoma a interpretação e introduz o corte da sessão e o ato analítico movidos pelo desejo do analista. As principais referências teóricas aqui utilizadas foram as obras de Freud, especialmente as obras que consideram artigos sobre técnica, e textos de Lacan e comentadores que retratam o ofício do analista e as condições de análise.

Palavras-chave: Psicanálise. Associação livre. Corte da Sessão. Jacques Lacan. Desejo do analista. Ato Analítico.

¹ Psicanalista de crianças, adolescentes e adultos. Professora em cursos de Psicanálise. Psicóloga Socioassistencial. Pedagoga. Psicopedagoga. Especialista em Psicanálise com crianças e adolescentes e Especialista em Psicanálise Lacaniana. Doutoranda em Psicanálise. Pós-graduanda em Psicopatologias Psicanalíticas. Escola Freudiana de Vitória, Vitória/ES, Brasil. ORCID 0000-0002-0281-4636. E-mail: najlaatui@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as especificidades da técnica psicanalítica, inicialmente formuladas por Freud e posteriormente inovadas por Lacan. Tem por objetivo apresentar o manejo clínico de base Lacaniana, no intuito de realizar uma revisão narrativa e conceitual a partir do método da associação livre e pelas demais regras técnicas legadas por Freud, como abstinência, atenção flutuante, neutralidade e amor à verdade. Lacan, apoiando-se na premissa freudiana, aplica os conceitos e técnicas da psicanálise e inclui a interpretação, o corte da sessão, o ato analítico, e dá ênfase ao desejo do analista.

As principais referências teóricas utilizadas foram as obras de Freud, principalmente no que tange aos artigos sobre técnica, e os textos lacanianos que retratam o retorno à técnica freudiana, as novas proposições de seu manejo clínico e textos de comentadores que abordam o ofício do analista, a ética na psicanálise e as condições de análise.

A técnica psicanalítica oferece uma forma de atendimento para alívio do sofrimento psíquico. O tratamento psicanalítico deve estabelecer-se em cada caso, não havendo possibilidade de padronização, já que cada sujeito tem sua história pessoal e sua singularidade.

A técnica proposta por Freud é alicerce para qualquer profissional praticante de psicanálise. Porém, como Lacan propõe, cada analista tem seu estilo, desempenhando uma atuação singular de acordo com seu próprio percurso de análise pessoal, supervisão, estudos teóricos e, principalmente, de acordo com sua subjetividade.

2 A TÉCNICA PSICANALÍTICA

A psicanálise tem como referência o tripé psicanalítico, constituído pela análise pessoal, supervisão e estudos teóricos continuados, conforme conceituou Freud. No desenvolvimento da psicanálise, Freud buscou, de várias maneiras, um método eficaz para o alívio do sofrimento psíquico. Inicialmente a hipnose, posteriormente o uso do método catártico e, por fim, efetiva o método da associação livre.

O tripé proposto por Freud dá base e sustentação à postura do analista, no entanto, somente esses elementos não são suficientes para haver um analista ou uma análise (Freud, 2014). A análise somente ocorre se houver transferência, ou seja, se o analisando endereçar seus afetos recalcados infantis à figura do analista. Para ser analista é imprescindível criar um espaço que propicie a transferência. Estar nesse contexto requer do analista que se despoje de seus afetos internos para que o analisando possa endereçar os seus afetos e atualizá-los através da neurose de transferência.

A associação livre é a regra fundamental da psicanálise, acompanhada das demais regras técnicas legadas por Freud, abstinência, atenção flutuante, neutralidade e amor à verdade. A associação livre abre a possibilidade de acesso aos conteúdos inconscientes, que são motores da repetição. Repetição essa que possui um caráter gerador de sofrimento, pois fixa o sujeito em uma posição de gozo. A associação livre propicia as manifestações inconscientes durante uma análise, na relação de transferência entre analista e analisando (Freud, 2010b).

Nesse contexto, “quando há um espaço facilitador, o sujeito pode associar livremente. Para isso deve haver um par, o que fala e o que escuta, e uma escuta

afinada para compreender o sujeito que busca atendimento e sua demanda” (Krouchane & Albino, 2022, pp. 24-26).

A utilização das regras técnicas, pelo analista, é requisito fundamental para que haja uma análise. O analista deve ser neutro diante das demandas do analisando, não esboçando reações, sendo imparcial e abstendo-se de suas crenças e convicções. Sua atenção deve ser flutuante, buscando escutar o sujeito do inconsciente. E deve exercer também o amor à verdade, a verdade singular do sujeito (Krouchane & Albino, 2022).

Para haver uma análise, o analista terá de retirar de cena seus conteúdos, uma vez que a psicanálise trabalha com o que é da essência do sujeito, não de forma a modificá-lo, mas para que possa relacionar-se melhor consigo mesmo. A análise é feita através dos conteúdos trazidos pelo analisando – o saber é dele e não do analista. Para Freud (Freud, 2016), a análise não deseja acrescentar ou introduzir algo novo, mas extrair conteúdos a serem elaborados, com objetivo de aliviar o sintoma.

A transferência é um elemento essencial para que ocorra uma análise, em especial a neurose de transferência, através da qual é possível ao analisando projetar seus conteúdos inconscientes com a oportunidade de elaboração. Esses conteúdos são o que há de maior valor, pois são eles os causadores da repetição.

O manejo da transferência deve partir da premissa de que ela constitui o motor de uma análise, sendo fundamental para criar o vínculo com o analista e uma sustentação para que o analisando fale sobre si. Porém, é também uma forma de resistência, pois pode transformar a análise em um sintoma, causando dificuldades de intervenção ao analista (Freud, 1996).

Além de seguir as regras técnicas, em especial a associação livre, e manejar a transferência, o analista deve realizar a análise pessoal para que possa trabalhar suas questões subjetivas, com o propósito de não ser afetado pelos conteúdos do paciente e ter compromisso também com sua supervisão. O supervisor imparcial pode auxiliar em aspectos do caso ainda não vistos pelo analista. Sabe-se que uma análise e a construção de uma prática clínica requerem tempo, todavia é indispensável seguir o tripé psicanalítico e as regras técnicas para um bom exercício da psicanálise.

3 O OFÍCIO DO ANALISTA

Neste item são abordados os fundamentos para o ofício de ser analista, um ofício do *vir-a-ser*, que refere-se à postura daquele que se apresenta como analista e que responde à uma ética, considerando que ser ético aqui significa propiciar condições para que a análise aconteça.

A finalidade da análise é o eixo orientador do ofício do analista, que inclui também o acolhimento ao sofrimento humano. Neste sentido, a expressão ofício do analista compreende dimensões diversas que vão desde a chegada do paciente à clínica, até o princípio da análise, através da relação transferencial. Dimensões que se referem à posição, ao lugar, à presença, e ao ato analítico.

O analista se constitui por um ofício de suposto saber. O analisando somente fala sobre si para alguém escolhido a partir de suas representações inconscientes. Pela neurose de transferência torna-se possível projetar as figuras parentais na figura do analista, e assim iniciar um processo de elaboração (Lacan, 1998e).

Inicialmente, a transferência é imaginária, ocorre através de uma transferência de saber – o analisando acredita que o analista sabe sobre ele. Posteriormente, a transferência deve tornar-se simbólica, o que acontece após a retificação subjetiva, em que o analisando se pergunta qual sua responsabilidade naquilo de que se queixa, realizando uma inversão dialética, do outro para si (Lacan, 1998b).

Lacan (1998e), assim como Freud, ressalta que é indispensável ocorrer a transferência para haver uma análise. A partir de Lacan, pensa-se na premissa da emersão dos significantes, pela característica de estruturação do inconsciente como linguagem. A estratégia do analista está relacionada ao manejo da transferência.

Para Lacan (2008), deve-se seguir o tripé freudiano e ele reforça a importância de haver uma transmissão da psicanálise – a psicanálise sendo transmitida e não ensinada. Acrescentando ainda a necessidade da escrita em psicanálise, a formação de cartéis e grupos de estudo.

O reconhecimento dos fundamentos e das orientações que substanciam os modos de operar exige rigor ético e desejo. Rigor ético que permita ao analista a construção de um estilo próprio e que respeite a singularidade do analisando, não engessando a arte em seu ofício. A tentativa de garantir um espelhamento da técnica demonstra desvios graves. Não há possibilidade de padronização, cada caso é singular, cada analista é singular e cada par analítico – analista e analisando – será singular. Não é, por certo, em outro sentido, que sustentava Lacan que o operar do analista é autorizado por ele mesmo (Lacan, 1998e).

Compreende-se então que cada analista tem seu estilo e precisa autorizar-se por si próprio. Por isso a psicanálise não é enquadrada como numa profissão, mas como um ofício. A formação de cada um é individual. Seguindo o

tripé psicanalítico, e não havendo parâmetros exatos, o analista sempre está no *vir-a-ser* para permitir que o analisando possa estar no *falta-a-ser* (Lacan, 1998a).

O analista deve colocar-se na posição de “causa de desejo”, ou seja, no lugar de *objeto* a posição em que se despe de seus conteúdos internos, e estar vazio para que a análise aconteça, para que o analisando possa endereçar seus conteúdos, fazendo emergir o sujeito. Não deve haver uma postura intelectualizada, de responder a tudo, ou de suprir a angústia do analisando. A postura do analista é contrária à posição narcísica e imaginária de completude porque a falta é necessária, o que equivale ao desejo. A análise vai em direção ao desejo e essa dimensão da falta precisa partir do analista (Lacan, 1998e).

O ofício do analista exige do analisando o desejo de saber e o desejo de curar-se. A cura não advém do Outro, mas da experiência inédita da transferência, em que o analista cede de si para causar o desejo, e não declinar dele. Para tanto, o analista precisa sustentar a escuta do sofrimento, ser suporte, realizando a difícil tarefa de caminhar junto ao analisando, como representação de “nada”, recolhendo seus conteúdos para que possa emergir o sujeito.

Portanto, ao discorrer sobre o ofício do analista, concluímos, pelo fazer, que age sobre a dinâmica do gozo – a repetição. Isso permite que, através da fala do analisando, sejam realizados suturas, decifrações e efeitos de significado, proporcionando o advento do sujeito e de seu inconsciente. Tal ofício desenvolve-se na busca da possibilidade que o analisando, abrindo espaço para compreender suas responsabilidades e suas escolhas, compreenda algo sobre seu modo de gozo, realize as retificações subjetivas que permitam o ultrapassamento de suas fantasias pessoais e ressignifique os sintomas e sofrimentos que lhe tornam dificultosa a tarefa de viver.

Tendo em vista essas argumentações, pode-se afirmar que a construção de um analista não é simples, há um caminho a ser seguido e o mais complexo ao analista é despir-se de seu eu.

4 O DESEJO DO ANALISTA E O CORTE DA SESSÃO

O desejo do analista é o motor que oferece as condições para que a análise aconteça. Nesta direção, inclui-se o emprego das regras fundamentais da psicanálise, principalmente no que tange ao corte da sessão.

O analista promove a associação livre e interpreta, conduzindo a análise de forma que emerja o que há de inconsciente. Freud (2014b) utilizou a interpretação ressaltando, principalmente, as figuras parentais, enquanto Lacan destaca a interpretação como função de corte. A premissa da técnica do corte da sessão busca promover o máximo de consequências práticas a algo que se apresenta no discurso do analisando sem que ele se dê conta (Lacan, 1998d).

Um dos objetivos da análise, segundo Lacan, é manter o analisando em análise no espaço entre as sessões, constituindo-se então, o corte como uma forma de estratégia. A marcação através do corte da sessão permite que a associação pare em pontos fundamentais e necessários a serem elaborados. Vale lembrar que a estratégia do corte da sessão refere-se à atemporalidade do psiquismo, que difere do tempo cronológico (Lacan, 1998d).

O inconsciente é estruturado como uma linguagem e tem suas próprias leis, como conceituadas por Freud (2014b) as leis da condensação e do deslocamento. Lacan (1998b) as traduziu, respectivamente, como metáfora e metonímia. Os conteúdos inconscientes que devem ser marcados pelo corte da sessão surgem condensados ou deslocados, tais como atos falhos,

esquecimentos e chistes, e dependem da interpretação do analista. O corte analítico, que age como um ponto de basta, tem por objetivo provocar retroação às etapas mais precoces da vida infantil. Sem o corte, a manifestação inconsciente é submetida novamente à resistência.

O funcionamento do psiquismo é atravessado pela linguagem. Diante disso, o atuar do analista se constitui através da operacionalização dos enodamentos da cadeia significante. O corte atinge a cadeia significante durante a “fala plena”, pois é somente por meio dessa fala que se pode abordar o importante a ser elaborado. Diferente da “fala vazia”, que é movida pelas resistências, a “fala plena” é a única capaz de permitir o acesso dos efeitos analíticos buscados, desde aquele momento de ingresso inaugural (Lacan, 1998c).

A ética da psicanálise e o desejo do analista são elementos essenciais para este ofício. Freud aborda a ética quando destaca o modo como o analista responde à demanda de um paciente (Freud, 2010a). A escuta pautada na ética busca o desejo inconsciente e seu papel no conflito psíquico. A demanda em análise é sempre uma demanda de amor: algo não funciona bem, o real do sintoma tornou-se insuportável. Se cabe ao analista acolher este sofrimento e dar a ele seu devido lugar, esta postura faz parte de uma ética. Pela ética da psicanálise, que é fundamentada no desejo, o analista aposta na existência desse desejo subjacente e distorcido pela força do sintoma (Andrade Júnior, 2007).

O desejo do analista é um conceito elaborado por Lacan (1998a), compreendido como um operador clínico essencial da prática, que reconhece a ética da psicanálise como a ética do desejo, opondo-se assim à postura moralizante e adaptativa que a psicanálise da época ia ao encontro. A política

da direção da cura, orientada por uma ética que não é a moral do bem, se funda na relação do desejo com a *falta-a-ser* e na singularidade do analisando, reconhecendo o seu desejo.

5 A INTERPRETAÇÃO E O ATO ANALÍTICO

A interpretação e o ato analítico são intervenções realizadas pelo analista. Sendo a primeira de ordem simbólica, que intervém na trama significativa, e a segunda uma marcação do antes e depois.

A interpretação visa decifrar a diacronia das repetições inconscientes no discurso do analisando, objetivando a manifestação do significante, diferentemente de outras abordagens que objetivam a manifestação do significado – do sentido. A marcação do significante possibilita a abertura de novos sentidos àquilo que está cristalizado.

A direção da interpretação tendo o significante como alvo permite a instauração da falta. O elemento faltante viabiliza a abertura para o desejo do analisando e com isso a possibilidade de elaborar e ressignificar o sintoma.

A interpretação toca o lugar da verdade do sujeito. Nesse contexto, para Fink (2017, p. 135), “a verdade, como experimentada pelo paciente no ambiente da análise, tem a ver com o que ainda resta a ser dito, com o que ainda não foi dito”, tem a ver com algo que ainda precisa ser descoberto, pois as demandas do paciente não devem ser tomadas por seu valor aparente.

Em *Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana*, Fink (2018) destaca que o analista deveria desempenhar o papel do Outro que escuta, no pedido do analisando, algo diferente de uma simples demanda, e tem de abdicar desse papel. A interpretação tem efeitos de significação no que antes se apresentava

como mal-estar. Lacan, valendo-se de seus conceitos, afirmava que ela seria uma maneira de simbolização para aquilo que ainda não havia sido representado. A interpretação proporciona a abertura de novos sentidos, fazendo com que o sujeito se desloque na cadeia e produza novos significados, não permanecendo em posição de objeto, ou seja, assujeitado aos significantes do Outro. Isso ocorre a partir da busca pelo esvaziamento dos sentidos aprisionadores nos quais o paciente tende a se estacionar. Lacan, pensando nessa tendência estacionária, propõe o conceito de gozo, que se refere à inclinação inercial à qual todos nós estaríamos presos. É nesse sentido que a interpretação busca um esvaziamento e, pela via do ato analítico, oferecer condições para a emergência de um novo sujeito - um sujeito para além do estado de sujeição aos significantes do Outro (Lacan, 1998b).

Em outro contexto, a formulação sobre o ato analítico é descrita como um ato inconsciente a partir de um analista. Isso significa que o sujeito precisa passar pelo percurso de análise, saindo da posição de analisando e passando a ocupar a posição de analista (Lacan, 1968).

Segundo Lacan (1968), o ato analítico diverge da interpretação principalmente no aspecto de não haver antecipação ou significação. Somente é possível o ato analítico a partir da posição de *objeto a*, sustentado pela transferência – lugar de suposto saber –, com o objetivo de promover a emersão do sujeito. Nesse contexto Dias (2008, pp. 405-406) afirma:

[...] O *objeto a*, presente desde o início no ato analítico, só surgirá no real da situação analítica, no final da análise, como destinado a ser rejeitado pelo analisante, no lugar preparado pela presença do analista. É na medida em que o analista sabe o que é o desejo, mas não sabe o que o sujeito deseja, que ele está em posição de suportar o objeto causa desse desejo, rejeitado pelo sujeito. Nessa situação, o sujeito se

reconhece como causado em sua divisão pelo objeto em questão, objeto que marca uma hiância que é a do sujeito e que se define pela castração e pela queda do objeto a.

O ato analítico é uma ruptura, sua ação coloca um ponto de basta à repetição significativa, abrindo a cadeia significativa para outras vias. Conforme Lacan (1968), os efeitos do ato analítico se apresentam a posteriori, pela via do Real, não havendo um Outro ou significação, mas transformando o sujeito. O ato tem o horror como efeito, algo que surge como uma novidade, uma surpresa, que não permite o retorno ao lugar anterior. Nessa afirmativa, Lacan contextualiza “Se posso caminhar aqui, de um lado para outro, falando, isso não constitui um ato, mas se um dia ultrapassar certo limiar onde me coloque fora da lei, esse dia, minha motricidade terá valor de ato” (Lacan, 1968, p. 8).

O ato analítico deve ser pensado na perspectiva de realização. Existe uma dialética entre o ato e a potência implicando, de um lado, uma dimensão de mudança e de outro, uma dimensão temporal. Há um campo que permite situar um ‘antes’ e um ‘depois’, ao mesmo tempo em que algo que era de uma maneira passa a ser de outra. Sem o ato analítico seria impossível formular essa dinâmica. Diante disso, Vicente afirma que: “O ato analítico é sem Outro, mas é também sem sujeito, na medida em que está longe de ser uma intervenção subjetiva; ao contrário, a equação pessoal do analista é reduzida. Por conseguinte, se apresenta para ele como desprazer” (Vicente, 2004, p. 4).

Desse modo, o analista isentando-se da posição de sujeito e estando na posição de *objeto a* – que causa desejo, permite que o analisando seja o sujeito. Quinet (2008) afirma que a ausência da subjetividade do analista cria condições para o ato analítico.

O ato analítico tem a estrutura do ato falho. O ato falho é uma forma de manifestação inconsciente que ocorre sem que o sujeito se dê conta disso, tendo a percepção de sua manifestação somente após ter ocorrido. O ato falho pode ser exemplificado quando o sujeito troca nomes próprios. O ato analítico e o ato falho têm por base o mesmo funcionamento, pois a origem de ambos é de ordem inconsciente. Quinet (2008, p. 105) apresenta as características do ato analítico, como explica:

- 1) O ato apresenta uma dimensão de linguagem — tal como se encontra na descrição por Freud tanto do ato falho — uma fala recalcada — quanto no agir, com seu aspecto de fala impossível e por isso mesmo atuada.
- 2) O ato é promotor de ultrapassamento, franqueamento, provocando uma mudança radical no sujeito, pois, no que se refere a ele, nada será como antes.
- 3) O ato é acéfalo, pois o sujeito não é agente de seu ato, ele é agido.

A subjetivação virá a posteriori, porque somente depois do ato do analista é que o analisando pode interrogar-se. O ato analítico coloca uma dúvida onde antes havia uma certeza.

Por fim, podemos dizer que o ato analítico é um ato de linguagem, se inscreve como significante, é representante do sujeito, ao mesmo tempo em que opera como um corte e instaura um 'antes' e um 'depois'. É também uma travessia, representando a ultrapassagem de um limite, de uma lei, causando uma ruptura.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho visou esboçar as principais técnicas e condições de análise, partindo da premissa do que Freud conceituou como o tripé psicanalítico, das

regras técnicas, bem como do manejo da transferência. Abordou também a técnica proposta por Lacan, a partir de uma retomada e continuidade da obra Freudiana.

A ética da psicanálise, descrita por Lacan, representa a ética do desejo. O sujeito da psicanálise é o sujeito de desejo. O desejo do analista propicia a emersão do sujeito, pois somente com o desejo de analisar é que se faz possível a análise acontecer. O analista que deseja uma análise realiza o corte da sessão, em outros termos, trabalha na via da relevância dos conteúdos singulares e inconscientes dos sujeitos. O corte é uma ferramenta indispensável na clínica lacaniana, pois abre caminho para a elaboração dos conteúdos inconscientes.

Pode-se concluir também que a instituição da psicanálise, como prática clínica e como exercício de uma ética, estabeleceu conceitos a partir dos quais foi possível pensar a atuação e a formação de um analista diante da experiência analítica. Muito além do que se interpreta apenas como um conjunto de regras a ser seguido para ter sua prática reconhecida e qualificada, os conceitos trazidos por Freud e Lacan, a respeito da direção do tratamento na psicanálise, compreendem uma relação entre a posição do analista e o lugar que ele ocupará diante do sintoma do analisando, sempre pela via da transferência, possibilitando assim a transmutação do sujeito.

Portanto, a psicanálise é uma prática que deve ser sempre revisitada, porém, sem nunca perder sua essência. Seguir seus fundamentos base e considerar o inconsciente como imperativo do psiquismo são condições iniciais fundamentais para a construção de uma análise.

REFERÊNCIAS

Andrade Júnior, M. de. (2007). *Psyché*. In *Psyché* (Vol. 11, Issue 21).
Universidade São Marcos.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=

Dias, M. das G. L. V. (2008). Ato analítico e final de análise. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(2), 401–408. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200007>

Fink, B. (2017). *Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. Blucher; Karnac.

Fink, B. (2018). *Introdução clínica à psicanálise lacaniana* (Zahar, Ed.).

Freud, S. (1996). A dinâmica da transferência. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 107–119). Imago.

Freud, S. (2010a). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Cia das Letras.

Freud, S. (2010b). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (Vol. 12, pp. 121–133). Cia das Letras.

Freud, S. (2014a). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (Vol. 17, pp. 124–217). Cia das Letras.

Freud, S. (2014b). *Freud (1900) - Obras completas volume 4: A interpretação dos sonhos*. Cia das Letras.

Freud, S. (2016). Psicoterapia. In *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)* (pp. 331–347). Cia das Letras.

Krouchane, N. G., & Albino, A. (20022). As regras técnicas legadas por Sigmund Freud e as considerações de David Zimmerman na clínica psicanalítica. *Revista Fisio&terapia*, 26, 24.

Lacan, J. (1968). *Seminário: livro XV: o ato psicanalítico, 1967-1968*. [s.ed.].

Lacan, J. (1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (pp. 591–649). Zahar.

Lacan, J. (1998b). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos* (pp. 496–533). Zahar.

Lacan, J. (1998c). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 238–324). Zahar.

- Lacan, J. (1998d). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma. In *Escritos* (pp. 197–213). Zahar.
- Lacan, J. (1998e). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In *Escritos* (pp. 461–495). Zahar.
- Lacan, J. (1998f). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In *Escritos* (pp. 807–842). Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2nd ed.). Zahar.
- Quinet, A. (2008). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Zahar.
- Vicente, S. (2004). O ato analítico. *Cógito*, 6, 39–43.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792004000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=